


• DIAGRAMA •

CEFET-MG é notícia

An illustration of two people embracing in a field of flowers. The person on the left has long, flowing red hair and is wearing a blue top. The person on the right has dark, curly hair and is also wearing a blue top. They are surrounded by large, stylized yellow and orange flowers with green leaves. The background is a textured, light beige color.

*Precisamos falar
sobre a saúde
mental dos estudantes*

CEFET-MG desenvolve estratégias de prevenção ao adoecimento psíquico e apoia projetos de direitos humanos que refletem sobre o tema

páginas 6 a 9

• EXTENSÃO •

Jogos educativos inspiram professores em todo o país

página 3

• LITERATURA •

Interdisciplinaridade costurada com livro literário

página 5

• PESQUISA •

Restrições orçamentárias e a produção científica

páginas 10 e 11

A saúde emocional dos alunos

Um questionamento recorrente na Secretaria de Política Estudantil (SPE) do CEFET-MG é: por que os estudantes das instituições federais de ensino estão adoecidos ou adoecendo emocionalmente? Especialmente porque, nos últimos anos, temos percebido um aumento considerável na demanda por atendimento ou acolhimento relacionada ao adoecimento psíquico dos estudantes. Os transtornos de ansiedade, as depressões, as ideações e/ou as tentativas de suicídio têm sido os principais sofrimentos trazidos pelos estudantes às Coordenações de Política Estudantil (CPEs) em todos os *campi* da Instituição.

O aumento desses quadros de adoecimento é um fenômeno nacional que pode ser verificado na última Pesquisa Perfil dos Graduandos das Instituições Federais de Ensino, realizada em 2018 pela Associação Nacional de Dirigentes dessas instituições, a Andifes. Com isso, houve também uma ampliação no número de atendimentos psicológicos, para auxiliar os estudantes a atravessarem o período em busca do bem-estar psíquico.

Compreendemos que uma das respostas a esse triste fenômeno que tem acometido os jovens estudantes na contemporaneidade, relaciona-se diretamente à constatação de um planeta esgotado pela ganância, das instabilidades e descréditos pelas instituições políticas, dos ardis capitalísticos que converteram qualidade de vida e felicidade em consumo, das individualidades e competitividades exacerbadas, das acentuadas desigualdades socioeconômicas, da generalização das violências.

Inserido nesse cenário mais amplo, o campo educacional tem dificuldades em romper com essas macroengrenagens adoecedoras. Em grande medida, as instituições de ensino produzem ou potencializam os adoecimentos emocionais quando operam através da lógica da meritocracia, do ensino por inculcação, do excesso de informações em sala de aula e do pouco espaço para a reflexão dos vínculos entre o que se aprende e a realidade em que se vive.

Acreditamos não só que há possibilidade, mas também urgência em mudar os modos de pensar e agir na Educação. É preciso compreender que uma transformação com vistas ao bem viver de todas/os é a efetiva promoção da saúde mental. Por isso, perceber o adoecimento psíquico dos jovens nas nossas instituições públicas de ensino torna-se tarefa obrigatória para quem ensina e educa.

Boas reflexões!

Cláudia Lommez de Oliveira
Secretária de Política Estudantil do CEFET-MG

• EXPEDIENTE •

Diretor-Geral

Prof. Flávio Antônio dos Santos

Vice-Diretora

Prof.ª Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

Secretário de Comunicação Social

Luiz Eduardo Pacheco

Editor

Gilberto Todescato Telini
MTB 18.351/MG

Projeto Gráfico e Diagramação

Brígida Mattos

Equipe de Jornalismo

André Luiz Silva

Diogo Tognolo

Flávia Dias

Gilberto Todescato Telini

Nívia Rodrigues

Arte da Capa

Luciana Ruiz de Vilhena

Gráfica e Editora

Mafali

Tel. (31) 3476-6566

Tiragem

3.500 exemplares



Av. Amazonas, 5.253 • Nova Suíça • Belo Horizonte • MG • CEP 30.421-169 • Tel. (31) 3319-7004
secom@adm.cefetmg.br | www.cefetmg.br



“CEFET-MG é uma família”!

Ingressei no CEFET-MG em 2013 no curso de Engenharia Civil do *campus* Curvelo e concluí o curso recentemente, em 2018. Éramos a terceira turma de engenharia e, mesmo diante de muitas limitações e dificuldades, naturais para cursos novos como o nosso, a busca por manter um ensino de qualidade sempre foi o alvo para os servidores, professores e muitos alunos.

Com pouco tempo, o CEFET-MG *campus* Curvelo se transformou em meu novo lar: chegava na hora do almoço, passava praticamente todas as tardes estudando na biblioteca e à noite assistia às aulas.

No ano de 2015, buscando colocar em prática os conhecimentos adquiridos e levar até à comunidade uma engenharia sustentável, eu e meus amigos Ana Pais, Gabriela Brandão, Luiz Pimenta e Mateus Silva, orientados pela professora Ana Estevão, criamos o projeto de extensão Núcleo de Orientação em Sustentabilidade (NOS). Em 2016, ingressei no Programa de Educação Tutorial (PET) Civil e, sob orientação das professoras Ana Estevão e Patrícia Bhering, tive a oportunidade de escrever e publicar artigos, participar da organização de eventos, ministrar palestras e cursos, entre outras atividades que me ajudaram a superar minhas limitações e a crescer.

Atualmente, faço mestrado no Núcleo de Geotecnia da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) e agradeço imensamente ao CEFET-MG *campus* Curvelo pelo ensino de qualidade transferido pelos professores, pelas amizades feitas e por tanto carinho e força que encontrei nos momentos que precisei. Como muitos dizem: “CEFET-MG é uma família”!

Eva Priscila Cardoso

Primeira aluna de graduação do *campus* Curvelo a ser aprovada no mestrado

• EXTENSÃO •

Quer aprender jogando?

Professores de todo o país aprendem como criar jogos educativos e divertidos com projeto do *campus* Contagem

• Diogo Tognolo •

“Jogos que não são divertidos não são jogados”. Assim começa a apresentação do projeto de extensão “Game Design Educativo”, coordenado pelo professor Rodolfo Vieira Maximiano, do *campus* Contagem. Parece óbvio, mas, para muitos professores que querem utilizar jogos em suas aulas, isso representa um desafio. De que adianta um jogo que explique os conceitos trabalhados em sala de aula se ninguém se diverte com isso? É para auxiliar os docentes na criação de jogos didáticos, que de fato prendam os alunos, que surgiu o projeto.

O curso é estruturado em videoaulas que permitem a participação de professores de todo o país. Há também atividades a serem entregues, análise de jogos consagrados no mercado, e recomendação de quais jogos já existentes podem ter aplicação imediata em sala de aula. A ideia é que, ao final do curso, os melhores jogos, criados e votados pelos participantes, sejam distribuídos em uma coletânea.

Para Rodolfo, é fácil ver a grande demanda e interesse no uso de jogos como parte do processo de ensino. “Tivemos aproximadamente 120 professores inscritos, de 17 estados do Brasil, e inclusive um inscrito internacional, de Portugal”, conta. Grande parte deles são de Minas Gerais, mas há representantes de todas as regiões brasileiras. “Este é um número fantástico, pois supondo que cada professor atenda cerca de 80 alunos, em uma estimativa bem conservadora de apenas duas turmas de alunos em uma dada escola, estamos afetando diretamente a rotina escolar de pelo menos 8 mil pessoas”, comemora o docente do *campus* Contagem.

Além das aulas, Rodolfo Maximiano conta que o objetivo é estabelecer uma profunda integração com o mercado, colaborando com vários atores do setor de jogos. “Temos um programa de parceria com empresas, lojas, *startups* e associações focadas na realização de eventos de jogos, produção ou venda dos mesmos”, explica. “Essas parceiras funcionam da seguinte maneira: caso o parceiro realize um evento *gamer*, nós enviamos um representante do nosso grupo de pesquisa para apresentar nosso trabalho no evento. Pelo menos um dos nossos jogos autorais, ou uma de nossas adaptações, é jogado com o público. O evento é registrado e divulgado em nosso canal do YouTube”. O grupo já realizou uma parceria com uma *start-up* de Belo Horizonte e fez eventos em escolas de Contagem, Betim e Ipatinga.

Pesquisa e extensão

O projeto de extensão está vinculado a um grupo de pesquisa, certificado pelo CNPq. O grupo possui hoje quatro docentes, dos *campi* Contagem, Belo Horizonte e Divinópolis, e orienta três alunos bolsistas e oito voluntários. Entre as atividades realizadas estão trabalhos de orientação de conclusão de curso, iniciação científica e desenvolvimento de jogos comerciais.

VAMOS JOGAR?

O que faz um bom jogo?

Rodolfo Vieira Maximiano comenta alguns jogos utilizados em suas atividades, que unem o aprendizado à diversão.



ECLIPSE PHASE

“O Eclipse Phase é um jogo de tabuleiro que utilizamos para ensino de ciências, em especial gravitação e astronáutica. Cada jogador representa uma nação humana com acesso à tecnologia espacial, disputando para ver quem irá colonizar mais setores da galáxia. Os jogadores precisam conciliar administração de recursos econômicos, investimentos em ciência, e aquisição de matérias-primas para expansão de seus domínios interplanetários.”



A BANDEIRA DO ELEFANTE E DA ARARA

“Um jogo que sempre usamos, e que é um grande sucesso com os estudantes e professores, é A Bandeira do Elefante e da Arara, de autoria de Christopher Kastensmidt. Este é um jogo geralmente usado para aprendizado de história, pois é ambientado em um cenário de fantasia brasileira, do período de colonização. Recomendadíssimo. O jogo é baseado em uma série de livros escritos pelo mesmo autor e que se passam no mesmo cenário que o jogo.”

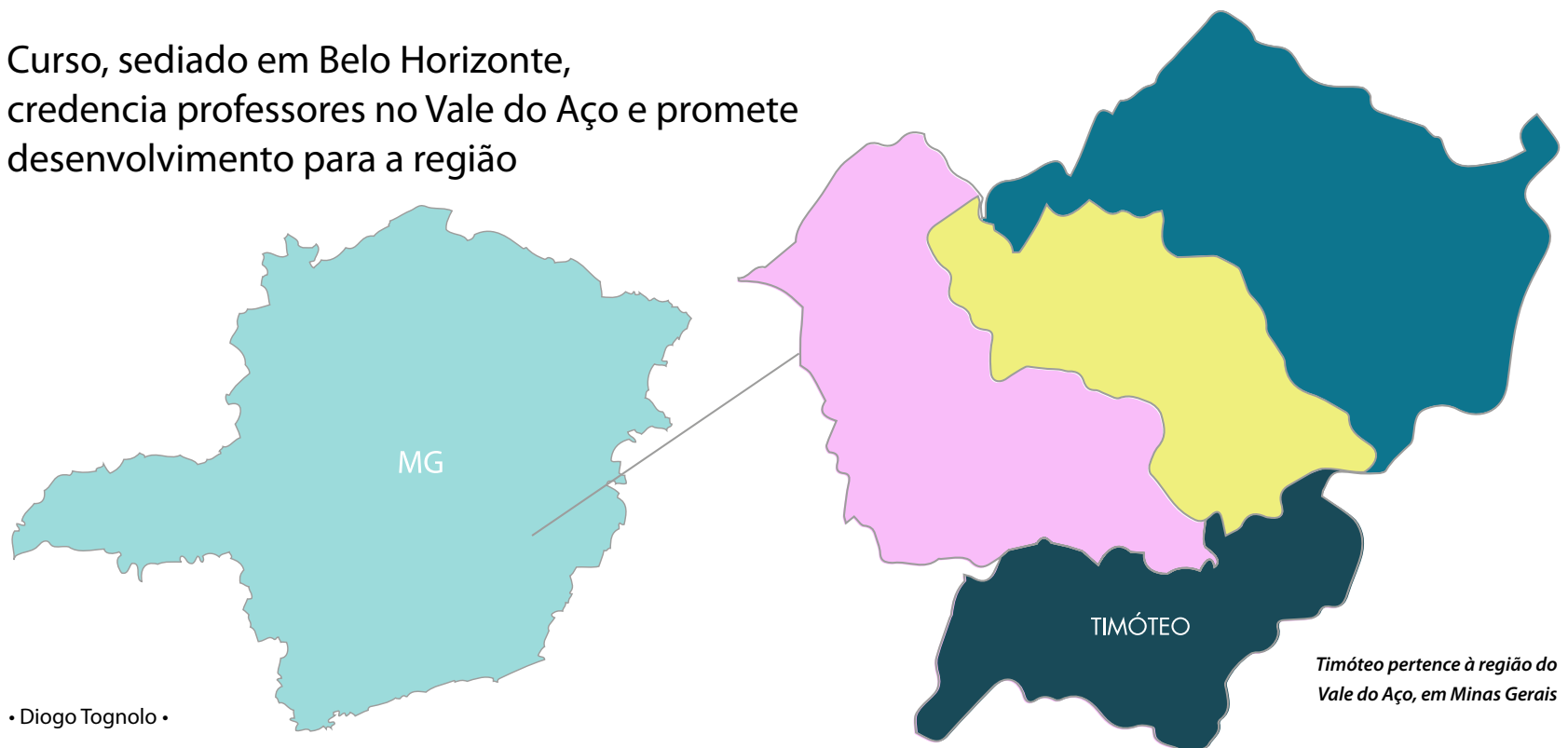


IMPÉRIOS DA GUINÉ

“Não poderia deixar de mencionar o trabalho incrível feito pelo professor Átila Pires em seu jogo de tabuleiro chamado Impérios da Guiné. Nesse jogo conseguimos abordar temas obrigatórios da matriz curricular brasileira que geralmente não são oferecidos de maneira apropriada na escola: a cultura e história africana. Esse trabalho, inclusive, é fruto de seu doutorado em Educação na Universidade Católica de Brasília”

Mestrado em Engenharia de Materiais se expande para Timóteo

Curso, sediado em Belo Horizonte, credencia professores no Vale do Aço e promete desenvolvimento para a região



A partir do segundo semestre, a população de Timóteo, no Vale do Aço, poderá contar com a qualidade do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Materiais do CEFET-MG. Quatro professores do *campus* da Instituição na cidade foram credenciados pelo Programa, que tem sede em Belo Horizonte. Eles poderão ofertar disciplinas e orientar estudantes.

Um destes professores é Mirela de Castro. Atualmente, ela ministra a disciplina de física nas três séries do ensino médio no *campus* Timóteo. Recém retornada de um pós-doutorado na Universidade Federal Fluminense, ela ofertará a disciplina "Introdução aos materiais poliméricos e compósitos". Para a professora, a expansão da verticalização do ensino para o interior, além dos muros das grandes cidades, é motivo de alegria e comemoração. "Em especial, para a cidade de Timóteo, o mestrado em Engenharia de Materiais é ainda estratégico para o estreitamento da relação entre as empresas da região com o CEFET-MG, algo que tem sido buscado há vários anos", conta Mirela.

O sentimento é reafirmado pelo professor Cláudio Turani Vaz, coordenador do programa. "A região do Vale do Aço é, reconhecidamente, o principal polo siderúrgico e um dos principais polos industriais de Minas Gerais, com uma elevada demanda de profissionais com qualificação que não tem sido atendida satisfatoriamente", analisa. "O credenciamento de

docentes do *campus* Timóteo, com comprovada experiência em pesquisa, aptos a lecionar, orientar e coordenar projetos, vem suprir essa deficiência. Tal ação também representa um importante passo no fortalecimento do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Materiais do CEFET-MG".

Para o diretor de Pesquisa e Pós-Graduação da Instituição, professor Conrado de Souza Rodrigues, a expansão do curso vem ampliar o seu horizonte de atuação. Esse é o primeiro Programa de Pós-Graduação do CEFET-MG a ter essa característica *multicampi*, apesar de a Instituição já ofertar programas em parcerias com outras universidades. "A atuação de um curso de pós-graduação, sediado em Belo Horizonte, e iniciando a sua atuação em um *campus* nosso no interior do Estado, demonstra que a Instituição é única", explica. De acordo com Conrado, a oferta vai atender a um duplo interesse: de um lado, há a necessidade da região do Vale do Aço em receber a pesquisa aplicada e tecnológica desenvolvida no CEFET-MG. Por outro, "o curso em Belo Horizonte tem a necessidade de continuamente diversificar suas atividades e incorporar novas frentes de pesquisa", afirma o professor. "A gente espera que esse vínculo seja exemplo para os demais Programas. Temos demandas em vários *campi* que podem ser atendidas pela pós-graduação, através dessa extensão".

Vestibular fomenta ensino e difusão literária brasileira

Obra da literatura brasileira representa um “guarda-chuva” que motiva abordagens interdisciplinares em todas as provas

• Nívia Rodrigues •

“Eu não lembro direito quando meu pai e minha mãe começaram a me enfiar livros garganta abaixo. Mas foi cedo”, recordou o personagem Pedro, no romance “O Fazedor de Velhos”, de Rodrigo Lacerda. Infelizmente, essa realidade não é a mesma de boa parte dos jovens brasileiros. Diante desse cenário, projeto implantado no CEFET-MG há cerca de três anos coloca a obra literária como elemento central no vestibular de acesso à Educação Profissional Técnica de Nível Médio, modalidade integrada.

O modelo é fruto de diálogo entre a Comissão Permanente de Vestibular (Copeve) e o Departamento de Linguagem e Tecnologia (Deltec). A coordenadora de Divisão Acadêmica da Copeve, professora Janice Rocha, explica que esse é um dos diferenciais na produção do caderno de provas do CEFET-MG: a obra literária é usada para a montagem dos textos-base das questões em todas as cinco provas do caderno. Para ingresso em 2020, será exigida a obra de Lacerda.

A escolha do livro é feita pela Banca Examinadora de Prova (BEP), composta por professores já experientes no processo. O Chefe do Departamento de Linguagem e Tecnologia, professor Sérgio Gomide, explica que são considerados o perfil do leitor e a proximidade da temática com aqueles que ingressam na Instituição, além do ineditismo do livro em outros exames de seleção. “Queremos que os futuros alunos se sintam instigados a ler a obra”, ressalta.

Embora apresentando números crescentes, a última edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, publicada em 2016, mostra que os índices de leitura dos jovens ainda estão longe do satisfatório. A pesquisa aponta que a mediação do professor, do bibliotecário e de outros agentes leitores são importantes para despertar o interesse pela leitura. Para os jovens, o professor perde apenas para a mãe ou responsável do sexo feminino, como pessoa que mais influencia no gosto pela leitura.

Para facilitar o acesso dos candidatos à obra, a Copeve faz contato com a editora para garantir a disponibilidade e o custo acessível dos livros. Este ano, a Companhia das Letras manteve o valor máximo de R\$29,90, além de o candidato ter a possibilidade de adquirir um e-book por um preço ainda mais baixo. Cerca de 50 exemplares foram distribuídos entre as bibliotecas do CEFET-MG; o curso Pró-Técnico, preparatório para ingresso nos cursos técnicos de nível médio da Instituição; e alguns membros das bancas examinadoras.

“Velhos”

Rodrigo Lacerda explica que “Fazedor de velhos” foi lançado há onze anos e só na sua primeira encadernação vendeu cerca de 45 mil exemplares, ganhou prêmios importantes e foi adotado por dezenas de escolas em todo o país. “Quem trabalha no mercado editorial brasileiro sabe que não é muito comum um livro

sobreviver com tamanho vigor a tantos anos de vida e à mudança de editora. Vê-lo adotado num vestibular de grande alcance, em uma instituição pública, é uma satisfação extra, pois todos nós sabemos o quanto o País depende da educação pública de boa qualidade para superar suas dificuldades históricas, e é um prazer e uma honra estar inserido, de alguma forma, nesse trabalho coletivo”, exalta Rodrigo.

O professor Sérgio Gomide destaca que este foi um dos melhores livros escolhidos para o vestibular nos últimos anos, tendo sido aprovado por unanimidade entre os professores. “É uma leitura tematizada, pois aborda as experiências de leitura dos personagens, além de o protagonista ter a idade dos estudantes do ensino médio”.

Rodrigo Lacerda conta que nunca havia pensado em escrever para jovens antes de “O Fazedor”, pois achava não ser capaz. Depois dessa obra, descobriu que os livros com esse perfil têm boa recepção e, mais do que isso, realmente tocam os leitores. “No fim das contas, é isso o que importa em um livro: a capacidade que ele tem de emocionar seus leitores e, assim, de colocar o escritor em um contato profundamente humano com pessoas que ele nunca encontrou e jamais encontrará pessoalmente. Esse transporte das nossas emoções através das palavras no papel é o que dá sentido à atividade de escritor para mim”, finaliza.

Da escolha à impressão: o caminho da obra literária no vestibular do CEFET-MG



Escolha dos membros das Bancas Elaboradoras de Provas (BEP)



Abertura de consulta para que outros professores contribuam com a escolha



A obra literária é escolhida



Contato com a editora para garantir a disponibilidade e o preço dos exemplares



A obra literária é divulgada



Elaboração e revisão das provas



Impressão da prova

Precisamos falar sobre a saúde mental dos estudantes

CEFET-MG desenvolve estratégias de prevenção ao adoecimento psíquico e apoia projetos de direitos humanos que refletem sobre o tema



• Gilberto Todescato Telini •

O Brasil tem os maiores índices de doenças relacionadas à ansiedade e depressão na América Latina, ficando atrás somente dos Estados Unidos no continente americano. Os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) refletem também a realidade de jovens estudantes brasileiros: 83,5% deles conhecem alguma dificuldade emocional, seis a cada dez relatam ansiedade e a ideia de tirar a própria vida passa (ou já passou) pela cabeça de 10,8%. Os números estão presentes na 5ª Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das Instituições Federais de Ensino Superior, divulgada em maio deste ano.

O dado é alarmante, supera as estatísticas da OMS - que calcula desafios emocionais em um a cada cinco adolescentes no mundo - e acende sinal vermelho especialmente no âmbito das instituições federais de ensino no Brasil. Afinal, como esse modelo de educação pode estar adoecendo psicologicamente nossos jovens? Mobilizados por reflexões como essa, psicólogos, assistentes sociais e estudantes do CEFET-MG têm traçado estratégias não apenas para problematizar o tema, mas para intervir sobre ele.

Alguns fatores podem afetar diretamente a saúde mental dos alunos. Se, por um lado, a adolescência traz uma série de mudanças físicas e hormonais, por outro, escolhas profissionais e cobranças sociais podem agir sobre a estrutura psíquica dos estudantes, especialmente daqueles que estão ingressando em instituições como o CEFET-MG. "Os ingressantes se encontram mais vulneráveis do que os veteranos, pois a entrada na Instituição significa uma mudança muito brusca e intensa, e a assimilação disso é difícil", aponta a secretária de Política Estudantil e psicóloga, Cláudia Lommez, que percebe, especialmente entre esse segmento, sintomas mais recorrentes de "ansiedade e depressão, que se traduzem em falta de concentração, transtornos no sono, apatia ou tristeza recorrente, uso de substâncias psicoativas, entre outras."

Com relação aos ingressantes do nível médio e técnico, o excesso de conteúdo, aliado à complexidade das disciplinas, pode interferir na saúde psíquica dos alunos, uma vez que "essa sobrecarga exige grande desempenho cognitivo dos estudantes, sendo que muitos deles ainda não apresentam maturação para tal, em razão da faixa etária em que se encontram". Na graduação, o jovem estudante, por sua vez, enfrenta outros desafios: "Há muitos estudantes que moram longe de suas famílias, que saíram de casa para cursar a graduação e muitas vezes esse distanciamento se soma a outros, também caracterizados por rupturas, como, por exemplo, a diferença entre a formação no ensino médio para a

faculdade é muito grande e é preciso desenvolver a autonomia, a iniciativa e rever os modos de estudar de maneira muito rápida, muito intensa”, explica Cláudia.

Para auxiliar os estudantes nesses momentos de pressão e transição na esfera social e acadêmica, as coordenações de política estudantil do CEFET-MG, com equipes multiprofissionais (formadas minimamente por psicólogos e assistentes sociais), têm atuado de maneira mais intensa com esse público, considerando, inclusive, um “aumento na demanda nos atendimentos psicológicos nos últimos anos”, completa Cláudia, que considera essencial uma revisão nos mecanismos de ensino-aprendizagem para o bem-estar psíquico dos alunos.

Prevenção do adoecimento psíquico

A maioria dos transtornos mentais entre adolescentes não é diagnosticada, nem tratada. Essa desinformação, segundo a OMS, pode trazer inúmeros riscos à saúde e à vida do jovem: o uso nocivo de álcool e outras drogas ilícitas entre os adolescentes é um problema grave em diversos países, que pode levar a comportamentos de risco, como sexo desprotegido e condução perigosa de veículos; além disso, transtornos alimentares também são preocupantes.

Essas variáveis, aliadas à percepção de que os novos alunos da Instituição são mais suscetíveis a desordens psíquicas, motivaram a criação da cartilha “Saúde mental para estudantes: cultivando mais bem-estar no ambiente acadêmico”, elaborada pela psicóloga do *campus* Nepomuceno, Ludmila Ramalho, e lançada em todos os *campi* do CEFET-MG no dia 22 de maio, com uma série de atividades de mobilização e conscientização.

“A mensagem principal é que, além do foco nos estudos e a busca pela aprendizagem, o aluno não pode se descuidar de si mesmo. Sabemos que é um desafio na vida estudantil aliar a realização das tarefas acadêmicas com outras atividades de cuidado com a saúde, porém precisamos começar a consolidar uma cultura institucional que valorize a excelência educacional em parceria com a qualidade de vida”, explica a psicóloga.

O documento, de linguagem fácil e ilustrado, traz orientações sobre aspectos que podem afetar o bem-estar psíquico dos alunos, especialmente o dos calouros: sono, exercício físico, manejo de estresse, alimentação, lazer, relacionamentos e habilidades sociais, uso de álcool e outras drogas e suicídio.

Conectada com ações presentes em “muitas instituições de ensino, considerando a temática do adoecimento, principalmente mental”, a atividade preventiva prescinde também de um novo olhar dos espaços de conhecimento sobre seus alunos. “Práticas educativas e institucionais excessivamente repressoras, despersonalizadas e desconectadas da realidade do estudante podem potencializar sofrimentos psíquicos”, explica Ludmila.



Estudantes do *campus* I (BH) representam, com emojis, seus sentimentos em relação ao CEFET-MG no lançamento da cartilha na capital.

Para alinhar a estratégia preventiva da campanha com ações futuras, foi feito um diagnóstico entre os jovens estudantes dos *campi* de Nepomuceno e Belo Horizonte durante o lançamento da cartilha sobre os quesitos presentes no documento. E os dados são preocupantes: a má qualidade do sono, poucas atividades físicas e o estresse revelam fatores que podem desencadear alterações emocionais. “São resultados que suscitam reflexões sobre a existência e a complexidade de fatores de risco para o adoecimento mental dos estudantes, dentro e fora da Instituição”, finaliza a psicóloga.

Olhar dos estudantes para o tema

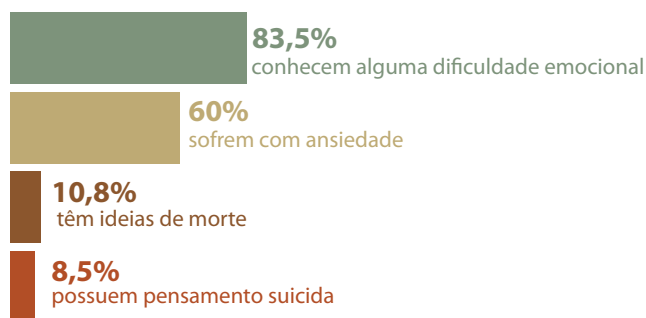
“(…) sentia que havia certo tabu em admitir a complexidade de se manter mentalmente saudável diante das demandas da vida e do curso.” Essa motivação levou a estudante de Letras – Tecnologias da Edição – do CEFET-MG Kênia Chagas a desenvolver o projeto “1º encontro saúde mental, gênero, racismo e o ambiente acadêmico”, contemplado no Edital de Direitos Humanos.

A ação, proposta também pelas estudantes Anna Clara Vieira, Débora Raimundo, Luiza Prochnow e Thalyta Gonzaga, do mesmo curso, prevê três encontros em 2019. A primeira fase do projeto aconteceu no dia 5 de junho, no *campus* I (BH), e reuniu pesquisadores e estudantes em torno de três momentos: roda de conversa “Saúde mental e as artes: o caos psicológico na literatura e nas artes visuais”, conduzido pela professora Joelma Xavier, pela psicóloga Daniele Queiroz e pela jornalista Val Prochnow; uma oficina de criatividade, com a professora Cláudia França; e um ted talk com o tema “O que você sabe sobre os distúrbios mentais?”, com a psicóloga e graduanda em Letras, Débora Raimundo.

“Conciliar afazeres de casa, estudos, trabalho e responder a todas as expectativas que a sociedade deposita em nós, não é uma tarefa fácil. Muitas vezes, nos colocamos em uma situação de estresse extremo para produzir e, com isso, não conseguimos priorizar o que realmente é importante: nossa saúde física e mental”, destaca a psicóloga e coautora do projeto.

De acordo com o grupo, nos meses de agosto e setembro serão abordados aspectos relacionados à saúde mental dentro do espectro da não heteronormatividade e da masculinidade tóxica, além do enfrentamento do racismo.

A SAÚDE EMOCIONAL DOS ESTUDANTES NAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (2019)



Fonte: 5ª Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das Instituições Federais de Ensino Superior.

Direitos humanos e saúde mental

Gênero, orientação sexual e condições econômicas são elementos que podem estar vinculados ao desenvolvimento de depressão e pensamentos suicidas. É o que revela o estudo “Fatores associados à ideação suicida em estudantes universitários” (em tradução livre do inglês), publicado na “Revista Latino-Americana de Enfermagem”, pelos pesquisadores Hugo Santos, Samira Marcon, Mariano Espinosa, Makilin Baptista e Paula Cabral.

Esses aspectos, que se vinculam à saúde mental, envolvem também discussões mais amplas sobre direitos humanos. Para dar destaque a temáticas como essa, desde 2016, o CEFET-MG publica, anualmente, o edital para ações de promoção aos direitos humanos, diversidades e combate às opressões.

A iniciativa, da Coordenadoria de Programas de Acesso e de Temáticas das Juventudes (vinculada à Secretaria de Política Estudantil), busca promover a inclusão social e o combate à intolerância, colocando na agenda institucional a formação humana e o exercício crítico da cidadania, explica a coordenadora e assistente social, Mariana Coelho. “A opressão, a discriminação, a desapropriação cultural e o preconceito são marcas do

cenário atual e estão presentes também no espaço educacional. Inseridas neste contexto, as instituições escolares possuem papel fundamental na promoção da inclusão social e no combate às intolerâncias”, acrescenta.

O edital é destinado à participação de todos os estudantes do CEFET-MG, regularmente matriculados em cursos de nível médio, técnico, de graduação e pós, individualmente ou vinculados a coletivos, grupos de estudos e pesquisas, entidades do movimento estudantil e programas de educação tutorial. Até o momento, 61 projetos já foram aprovados. Só neste ano, foram disponibilizados R\$24 mil para subsidiar 29 ações.

O que chama a atenção nessa terceira edição do edital é a quantidade de projetos relacionados à saúde mental dos estudantes. Seis deles (espalhados nos *campi* de Araxá, Belo Horizonte, Leopoldina, Timóteo e Varginha) vão abordar esse tema (ver tabela).

Mariana acredita que as demandas dos alunos pelo assunto evidenciam questões que não podem mais ser negadas. “Não é de hoje que o adoecimento estudantil tem sido pauta de discussão nos espaços de articulação das políticas estudantis nacionais. É um fenômeno multicausal, mas que ganha contornos em uma sociedade em constate transformação e em ambientes de pressão e individualização”, finaliza.

TEMA	OBJETIVOS	ESTUDANTE(S) PROPONENTE(S)	CAMPUS
1º Encontro saúde mental, gênero, racismo e o ambiente acadêmico	Em três encontros, promoverá debates e discussões sobre saúde mental por meio de recortes relacionados a gênero e raça no ambiente acadêmico-escolar.	Kênia Chagas, Anna Clara Vieira Silva, Débora Nayara Raimundo e Luiza Prochnow dos Anjos Almeida.	Belo Horizonte (I)
Apenas mais uma terapia grupal	A proposta é uma peça teatral para conscientizar o público sobre os perigos da depressão.	Maria Clara Moreira Paiva	Araxá
Diversidade social	Promover o conhecimento sobre pautas sociais, como o feminismo, o movimento Lgbtq+, a igualdade racial e intensificar a prevenção ao suicídio.	Jossane Bispo da Silva	Leopoldina
A ficção como realidade: as intempéries na mente adolescente durante a vida acadêmica	Realizar uma integração acerca de temas como ansiedade, ocupação, ócio; ouvir as preocupações dos alunos e buscar instruí-los; gravar um curta-metragem ficcional com elenco de alunos do próprio CEFET-MG sobre o tema.	Washington Tyrone Carvalhais	Timóteo
Cine Atlética: Saúde mental	Parte de um projeto maior da Associação Atlética Acadêmica das Escolas de Engenharias do CEFET (AAAEE), que busca estimular discussões sobre preservação da saúde mental dos estudantes universitários e ações de prevenção ao suicídio.	Arthur de Moraes Novaes	BH (II)
Depressão e ansiedade na vida acadêmica do CEFET: superando desafios	Auxiliar membros da comunidade a enfrentar adversidades da vida pessoal e da vida acadêmica, incluindo questões relacionadas à aceitação e opressões, de modo a evitar que os participantes desenvolvam problemas psicológicos.	Gustavo Ribeiro Paulino	Varginha

Fonte: Coordenadoria de Programas de Acesso e de Temáticas das Juventudes

* As ações dos estudantes são acompanhadas, de perto, pelo setor de Assistência Estudantil nos *campi*, que conta com competência técnica e equipe multidisciplinar para assessoramento.

Quando e onde procurar ajuda?

“Se o sofrimento promove alterações muito significativas ou incapacita a pessoa de realizar suas atividades básicas e corriqueiras é sinal de que é necessário buscar ajuda profissional. O tratamento dos transtornos psíquicos pode ser encontrado na rede pública de saúde ou em consultórios particulares. Na Instituição, as Coordenações de Política Estudantil são espaços de escuta, acolhimento, identificação da demanda e encaminhamentos referentes à saúde emocional dos estudantes.” Cláudia Lommez, psicóloga

Mas o que é, afinal, a felicidade?

Esse sentimento subjetivo, tão difícil de ser definido e tão buscado pela humanidade, é objeto de estudo de uma vertente da psicologia: a positiva. Essa abordagem, que trabalha aspectos amplos do bem-estar, é uma das bases da unidade curricular “Felicidade”, que foi ministrada no 1º semestre de 2019 na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

O assunto, que lota salas de aula em tradicionais universidades americanas, foi abordado pela primeira vez em uma instituição pública no Brasil no segundo semestre de 2018, na Universidade de Brasília (UnB). E o sucesso e a repercussão da disciplina também se repetiram na UFSJ. Mais de 240 inscritos concorreram a uma das 60 vagas do módulo, ofertado para alunos dos cursos de Bioquímica, Enfermagem, Farmácia e Medicina.

Cobiçada, inclusive por servidores, professores e cidadãos da sociedade civil, foi ministrada por quatro professores: Alexandre Silva, Daniel Bonoto, Paulo Granjeiro e Richardson Mirando. Para ampliar o debate sobre a saúde mental dos estudantes, o Diagrama – CEFET-MG é Notícia conversou com o professor Paulo Granjeiro sobre a disciplina “Felicidade”, bem como sobre aspectos transversais ao assunto.

1- Os Estados Unidos são referência na oferta de disciplinas sobre felicidade, com destaque para as universidades de Harvard e Yale. Qual a importância de trazer essa discussão para o ambiente acadêmico brasileiro?

O oferecimento de unidades curriculares que promovam o bem-estar é uma tendência mundial. Muito se sabe sobre as doenças e suas complicações, mas pouco se fala em como mudar atitudes para sermos mais otimistas e nos sentirmos bem. Nos últimos 30 anos, a felicidade e a ciência do bem-estar é o tema da psicologia positiva, que conta com embasamento científico. O que estamos trazendo para os nossos alunos são as atitudes que podemos fazer todos os dias para o bem-estar, através de exercícios práticos que promovam a emoção positiva, engajamento, sentido, relacionamentos positivos e realização. Não somos terapeutas na disciplina que oferecemos, mas podemos mostrar aos alunos quais mudanças de comportamentos podemos realizar para sermos cada vez melhores e nos sentirmos bem.

2- Qual abordagem da psicologia é utilizada para tratar desse assunto com os estudantes? E por quê?

A abordagem é da psicologia positiva, proposta por Martin Seligman, que, no início dos anos 1990, começou a dar início a essa nova corrente da psicologia. Somente com o pensamento positivo é que nossos alunos conseguirão enfrentar as dificuldades do dia a dia. Em nossa disciplina, seguimos como base os sete princípios da felicidade, propostos no livro “O jeito Harvard de ser Feliz”, de Shawn Achor. Os princípios envolvem: o benefício da felicidade; o ponto de apoio e a alavanca; o efeito Tetris;

encontre oportunidades nas adversidades; a regra dos 20 segundos; investimento social; e o efeito propagador. Além disso, trabalhamos autoconhecimento, energia psíquica, empatia e abstração, propósito e sentido na vida.

3- A V Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação revela que 32,4% da população-alvo estiveram ou estão em atendimento psicológico (uma diferença de 1,9 p.p. para mais em relação a 2014). Quais fatores podem estar associados a esse aumento?

São inúmeros os fatores, mas podemos destacar a pressão por estudos na faculdade, a distância dos familiares para alguns, a velocidade da informação, os avanços da tecnologia, as notícias sensacionalistas, as redes sociais, entre outros.

4- A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que a depressão, até 2030, será a principal razão de incapacidade no mundo. Quais intervenções seriam possíveis, no contexto do ambiente acadêmico, para lidar com esse problema?

O oferecimento de suporte psicológico, com profissionais capacitados; um acolhimento melhor dos alunos nas Instituições de ensino; exercícios de gratidão e meditação; promoção de práticas de atividade física; entre outros. Uma sugestão seria a criação de um núcleo institucional que agrupasse todas essas ações e engajasse corpo docente e alunos. Assim, elas poderiam ser multiplicadas e mais pessoas poderiam usufruir delas, como a comunidade externa.

5 - Após as vivências partilhadas durante a disciplina, quais são suas percepções sobre a relação dos nossos alunos com a felicidade?

Muitos se sentiram melhor após as inúmeras atividades em grupo e dinâmicas que foram exemplificadas para serem praticadas no dia a dia. A avaliação final foi uma ação de felicidade para grupos de alunos: engajados, eles prepararam atividades para serem aplicadas em orfanatos, centros de tratamentos de pessoas com distúrbios psiquiátricos e também com alunos, professores e terceirizados da UFSJ. A generosidade e a gratidão são componentes fundamentais para a felicidade, e os alunos puderam vivenciar ações que os tornaram mais felizes.



Professor Paulo Granjeiro (UFSJ)

Foto: Arquivo pessoal.

Restrições orçamentárias podem afetar a produção científica no Brasil

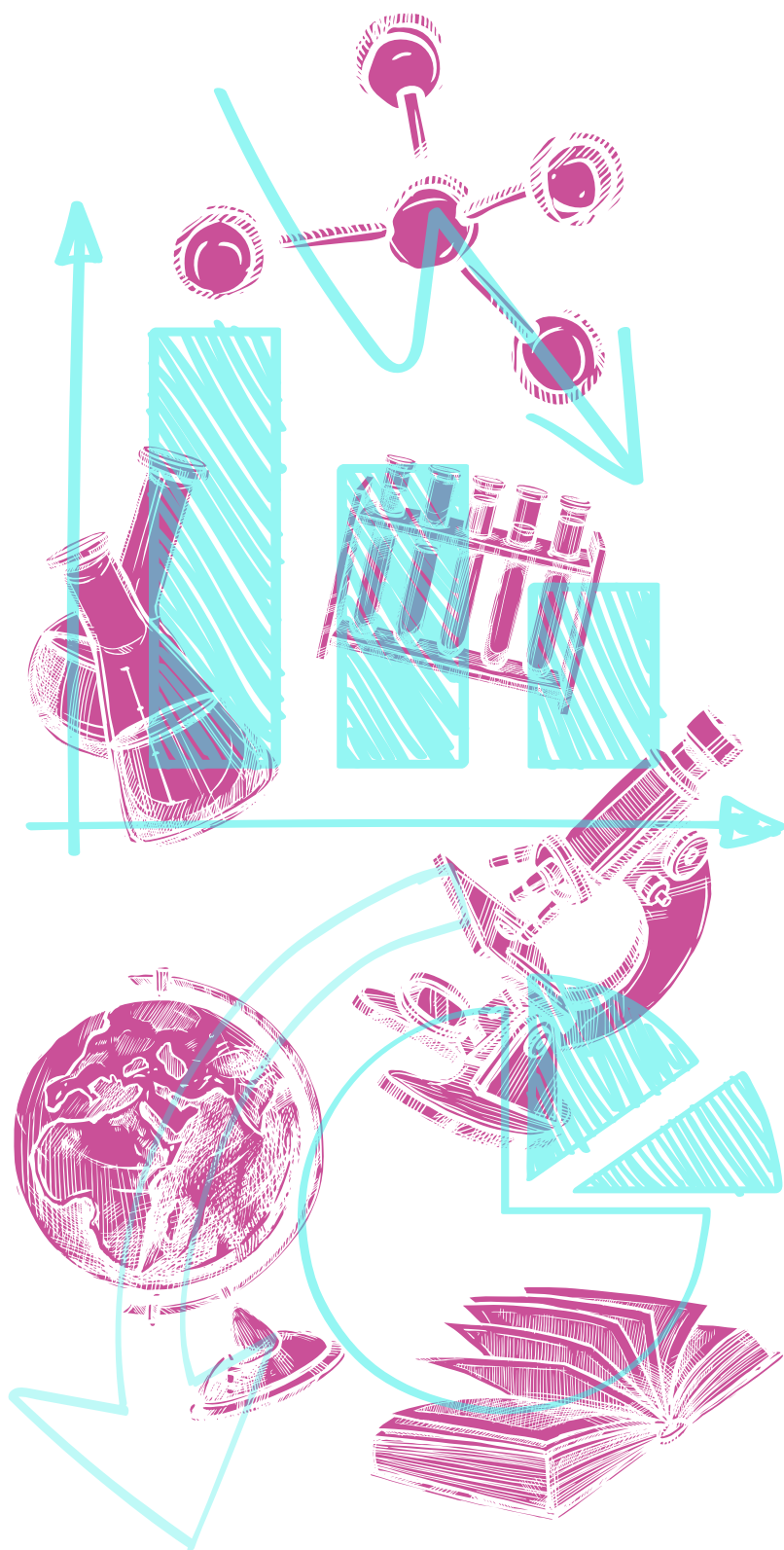
Desde 2014, com o investimento na ciência caindo ano a ano no país, dúvidas e receios surgem entre os pesquisadores

• André Luiz Silva •

“A Ciência nos leva a novas soluções para problemas que já conhecemos e também nos permite descobrir problemas novos”. Quem garante é o diretor de Pesquisa e Pós-Graduação do CEFET-MG, professor Conrado Rodrigues. Porém, desde 2014, o investimento em desenvolvimento científico e difusão do conhecimento científico e tecnológico caiu 5,5% por parte do Governo Federal, em números: de R\$ 11,3 para R\$ 4,9 bilhões. Os dados são do Informativo Técnico nº 6/2019, elaborado pela Consultoria de Orçamento e Fiscalização Financeira da Câmara dos Deputados (CONOF/CD). Segundo consta no documento, a Educação, em sua totalidade, perdeu 11,7% dos seus investimentos nesse mesmo período, caindo de R\$ 117,3 para R\$ 103,5 bilhões.

Se o cenário de queda dos investimentos continuar nos próximos anos, a pesquisa científica no Brasil pode, em breve, sofrer um colapso. Conrado Rodrigues diz que há um contexto amplamente desfavorável à realização de pesquisa não por falta de demanda, mas por carência de financiamento. “A estagnação política e econômica dos últimos anos impede a condução de uma política de estado concreta, voltada à pesquisa e ao seu emprego para a solução dos grandes problemas nacionais, estaduais e locais, e, por mais que façamos internamente os ajustes necessários para nos habilitarmos a atuar em pesquisa de alto nível, somos fortemente dependentes do contexto nacional”, explica o diretor.

Essa política de cortes na ciência implementada pelos últimos governos não conta, porém, com o respaldo da população, é o que mostra a 5ª edição do estudo “Percepção pública sobre ciência e tecnologia no Brasil”, publicado em julho deste ano pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). No estudo, feito com pessoas de todo o país, nove em cada dez brasileiros são a favor de o governo manter e/ou aumentar os investimentos em pesquisa científica e tecnológica nos próximos anos, mesmo em momentos de crise. O presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, professor Ildeu de Castro, faz coro ao resultado do estudo. Durante a abertura da 71ª Reunião Anual da SBPC, em Campo Grande (MS), ele foi categórico: “A questão econômica não se resolve se cortamos recursos da ciência e tecnologia.”



Impacto na pós-graduação

Na pós-graduação do CEFET-MG, os sucessivos cortes dos quatro últimos anos ainda têm impactado de diferentes maneiras. O coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, professor Renato Caixeta, diz estar preocupado não apenas com os cortes, mas com os novos critérios de avaliação da Capes (Portaria nº 182, de 2018) para a pós-graduação do país. Segundo Renato, caso um programa que tenha mestrado e doutorado obtenha nota inferior a quatro (numa escala até sete), será descredenciado. “Com esse cenário, precisamos pensar em como melhorar nossa avaliação para não corrermos riscos num futuro próximo, como não deixar que haja atrasos nas defesas, sugerir que se publique (seja aluno, ou professor) em revistas científicas bem avaliadas, procurar estabelecer contatos com pesquisadores de outros países, promovendo a internacionalização do Programa, trazer pessoas de outras instituições para dialogar conosco e mostrar à sociedade e à Capes nossa importância”, ressalta o professor.

No Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Materiais, que está presente nos campi Belo Horizonte e Timóteo, o mesmo cenário se apresenta. De acordo com o coordenador do curso, professor Cláudio

Turani Vaz, o impacto dos cortes sucessivos tem sido, ao longo dos anos, muito grande. Exemplos disso, segundo o coordenador, é o CNPq, que tem diminuído valor dos recursos nas chamadas universais, que financia os projetos de pesquisa no país; a Financiadora de Inovação e Pesquisa (Finep), que não lançou, por alguns anos, a chamada CT-INFRA, que é muito importante para a aquisição de equipamentos para a pós-graduação; a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), que já anunciou a não renovação das bolsas. “Num cenário de escassez como este, levando em consideração ainda o contingenciamento de 30% para a verba de 2019, eu poderia dizer que a situação é trágica. Em relação às bolsas, por exemplo, não vai sobrar praticamente nenhuma do Programa de Demanda Social da Capes”, assegura Cláudio.

No Programa de Pós-Graduação em Administração, segundo a coordenadora, professora Laíse Correia, ainda não houve nenhum tipo de restrição. “Em conversas com professores e alunos, percebemos certa angústia. Mas, contrariando o cenário político-econômico que sugere um encolhimento, em julho, propusemos a criação do doutorado junto à Capes, buscando expandir a pós em Administração do CEFET-MG”, conta Laíse, que se diz resistente, mas otimista quanto ao futuro da pós-graduação.

RESULTADOS DA CIÊNCIA NO CEFET-MG | 2018



* Com base nos trabalhos apresentados na META, Semana C&T e dissertações e teses defendidas em 2018.

Fonte: Relatório de Gestão (2018).

A edição julho-agosto de 2019 do Diagrama foi modificada, e as alterações estão disponíveis nesse documento digital. Substituímos as falas da secretária do Programa de Pós-Graduação em Administração pelas da coordenadora. E o quadro com números da Ciência no CEFET-MG em 2018 foi reduzido, permanecendo apenas dados relativos aos resultados, desconsiderando-se as iniciativas de fomento do próprio CEFET-MG e de outros órgãos.

• PÉ NA TÁBUA •

Pra gringo ver

Alunos do CEFET-MG vão aos Estados Unidos disputar a maior competição estudantil de carros fórmula do mundo

• André Luiz Silva •

O Fórmula Cefast, equipe formada por alunos do CEFET-MG, participou do Fórmula SAE Michigan, nos Estados Unidos, de 8 a 11 de maio. Único representante do Brasil na competição estudantil, que é a maior de carro fórmula do mundo, o Fórmula Cefast ficou em 44º geral, entre 120 equipes de todo o mundo: Alemanha, Áustria, Canadá, Cingapura, Coreia do Sul, EUA, México, Polônia, Venezuela. A equipe classificou-se para o FSAE Michigan após ser campeã da 15ª Fórmula SAE Brasil, em 2018. Confira algumas das imagens do Fórmula Cefast em Michigan.

Fotos: Júlio Sardinha

